



O Crucificado que nos ensina a morrer... para aprender a viver

Numa época marcada pelo medo da morte, pela rejeição do sofrimento e pela obsessão de prolongar a vida a qualquer custo, surge com força uma imagem profundamente contracultural: o **Cristo da Boa Morte**, conhecido popularmente como o **Cristo de Mena**.

Não é apenas uma escultura. Não é apenas uma tradição da Semana Santa. É, na realidade, uma catequese viva, uma pregação silenciosa que atravessa gerações e que, hoje mais do que nunca, precisa de ser redescoberta.

Porque falar de “boa morte” no século XXI soa incómodo... mas profundamente necessário.

1. História: entre devoção, tragédia e restauração

A imagem original do Cristo da Boa Morte é atribuída ao grande escultor barroco Pedro de Mena, um dos mais importantes mestres da imaginária religiosa espanhola do século XVII.

Essa escultura, de impressionante beleza e serenidade, representava Cristo já morto na cruz, com o corpo entregue e a alma confiada ao Pai.

No entanto, a história desta devoção não esteve isenta de sofrimento:

- A imagem original foi destruída durante os distúrbios de 1931 em Espanha.
- Anos depois, o escultor Francisco Palma Burgos realizou a imagem atual, preservando o espírito da original.
- A devoção foi profundamente abraçada pela Legião Espanhola, que todos os anos protagoniza um dos momentos mais emblemáticos da Semana Santa de Málaga: o traslado e a entronização do Cristo.

Esta ligação com a Legião não é casual. É profundamente simbólica: homens preparados para a morte que encontram em Cristo o sentido último da sua entrega.



2. O que significa “Boa Morte”? Uma chave teológica esquecida

Falar de “boa morte” pode parecer estranho hoje. Mas na tradição cristã é um conceito profundamente rico.

Não se trata de morrer sem dor. Nem de uma morte “fácil”.

Trata-se de morrer **na graça de Deus**, reconciliado, confiante, abandonado nas suas mãos.

O Cristo de Mena representa precisamente esse momento:

- Cristo expirou.
- Não há dramatismo exagerado.
- Não há desespero.
- Há **entrega total**.

Como diz o Evangelho:

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Evangelho de Lucas 23,46)

Este é o coração da “boa morte”: **a confiança filial em Deus mesmo no último instante.**

3. A estética teológica do Cristo de Mena

A imagem não é apenas arte. É teologia esculpida na madeira.

Cada detalhe fala:

- O corpo sem vida, mas sereno

Não há tensão extrema. Cristo cumpriu a sua missão.

Isto recorda-nos que a morte, em Cristo, não é derrota... mas cumprimento.



- A cabeça inclinada

Não é abandono desesperado, mas **repouso no Pai**.

- A ausência de dramatismo excessivo

Ao contrário de outros crucifixos, aqui predomina a paz.
É um convite a olhar a morte com fé, não com medo.

4. Cristo e a morte: uma revolução espiritual

O grande drama do homem contemporâneo não é apenas morrer... mas não saber para que vive nem como morrer.

A cultura atual:

- Evita falar da morte
- Esconde-a
- Medicaliza-a
- Desumaniza-a

Mas Cristo faz exatamente o contrário:

- **Enfrenta-a**
- **Abraça-a**
- **Transforma-a**

São Paulo exprime isto com uma força impressionante:

“Onde está, ó morte, a tua vitória?” (Primeira Carta aos Coríntios 15,55)

O Cristo da Boa Morte não nega a morte.
Ele **redime-a**.



5. A Legião e o Cristo: espiritualidade do sacrifício

A ligação entre a Legião Espanhola e o Cristo de Mena é profundamente espiritual.

O famoso hino “*O Noivo da Morte*” não é uma glorificação superficial da morte, mas uma expressão — ainda que imperfeita — de uma verdade cristã:

▮ *A vida encontra a sua plenitude quando é oferecida.*

Os legionários, ao transportarem o Cristo, recordam-nos algo essencial:

- A morte não é o fim se houver amor
 - O sacrifício tem sentido quando está unido a Cristo
 - A entrega transforma o medo em missão
-

6. Aplicações práticas: aprender a viver bem... para morrer bem

Aqui está o núcleo pastoral do Cristo da Boa Morte.

Não se trata de se obsessar com a morte.

Trata-se de **viver de tal forma que não temamos morrer.**

1. Viver em graça

A “boa morte” começa hoje:

- Confissão frequente
- Vida sacramental
- Conversão contínua



2. Reconciliar-se

Não deixar feridas abertas:

- Perdoar
- Pedir perdão
- Curar relações

3. Ordenar a vida

Perguntar-se:

- O que é essencial?
- O que levarei diante de Deus?

4. Aceitar a cruz quotidiana

O sofrimento, unido a Cristo, não destrói... transforma.

5. Cultivar a esperança

O cristão não espera a morte... mas a vida eterna.

7. Uma mensagem urgente para hoje

Numa sociedade onde aumentam:

- A eutanásia
- O medo do sofrimento
- O desespero

O Cristo da Boa Morte oferece uma resposta radicalmente diferente:

- A vida tem sentido até ao último instante
- O sofrimento pode ser redentor
- A morte não é o fim



Não se trata de procurar a morte...

Trata-se de **não a temer quando chega, porque Cristo já a venceu.**

8. Conclusão: olhar para o Crucificado para vencer o medo

O Cristo de Mena não deixa ninguém indiferente.

Obriga-nos a fazer perguntas incómodas:

- Estou preparado para morrer?
- Estou realmente a viver?
- Onde está colocada a minha esperança?

Mas, acima de tudo, oferece-nos uma certeza:

A morte não tem a última palavra.

Porque naquele corpo sem vida, pregado na cruz, já pulsa a vitória da Ressurreição.

E quem aprende a morrer com Cristo...
aprende, finalmente, a viver.